

## SOMOS UMA DEMOCRACIA?

*Bruno Engert Rizzo*

Nos últimos 150 anos o Brasil experimentou diversas formas de governo e regimes políticos. Fomos monarquia e república. Oscilamos entre regimes liberais, autoritários, ditaduras e democracias.

Atualmente a forma de governo é uma República Federativa Presidencialista e o regime político é classificado como democracia.

De acordo com uma definição enciclopédica, democracia deriva do grego **demokrateia** e representa governo do povo. De forma mais completa seria: regime político que se funda na soberania popular, na liberdade eleitoral, na divisão de poderes e no controle da autoridade.

A definição teórica é simples e não fosse à dificuldade de implantar na prática uma verdadeira democracia, provavelmente este seria um dos melhores regimes.

As dificuldades são tantas, que mesmo nos auto-proclamando uma democracia, existe um fosso abissal entre o regime atual e o tal regime “do povo para o povo”.

Talvez a única semelhança com uma democracia seja o sufrágio universal. De resto vivemos numa **cleptocracia**. E isso não é uma exclusividade do Partido dos Trabalhadores. A cleptocracia ou Estado governado por ladrões, vem de longa data, sendo difícil identificar um marco.

O principal fundamento da democracia, que é a soberania popular simplesmente inexistente. Nesse aspecto, vivemos a mais despótica tirania.

Quando chegam as eleições a liberdade eleitoral é relativa, pois invariavelmente estamos diante da opção de escolha entre o péssimo, o pior ou o desastroso. Não exista a opção de não se submeter ao processo, mesmo porque, a abstenção apenas alija mais ainda o povo de seus objetivos.

O fato de não haver uma opção de escolha minimamente aceitável e coadunada com as reais necessidades da nação, tornam a escolha inválida. Ainda que exista a liberdade de escolha, o objetivo que é eleger um legítimo representante do interesse do povo fracassa.

Ato contínuo vem o segundo desastre que afasta a realidade mais ainda da teoria. O fato das opções recaírem sobre o péssimo, o pior ou o desastroso, leva à escolha de pessoas sem estofamento moral e tecnicamente despreparadas. Tal escolha por sua vez, resulta num grande conluio que anula a divisão de poderes e o controle da autoridade.

Numa verdadeira democracia, o poder de um grupo mal intencionado, ou melhor, traidor, seria transitório. No regime em que vivemos, as dinastias de corruptos se perpetuam no poder o que fecha o ciclo que leva à cruel escolha entre o péssimo, o pior ou o desastroso, a qual o povo é submetido.

Daí se entende a apatia do povo pelo processo eleitoral. O raciocínio é simples e lógico. Salvo raras exceções, os grupos políticos que aí estão divididos entre diversos partidos, não têm ideologia, nem moral, nem ética. Seja qual for a escolha, o resultado será o mesmo. Isso anula o objetivo de uma escolha e daí a apatia do eleitor.

Na prática ocorre que as castas de políticos que se aferraram ao poder, são acima de tudo, em sua grande maioria, compostas por pessoas despreparadas em todos os sentidos. Assim, não existe situação nem oposição. Existem sim, interesses negociáveis, que estão acima de ideologia, de partidos, da nação ou de anseios populares. Tanto assim, que os partidos não expurgaram de seus quadros, políticos envolvidos com corrupção, “mensalão” e outras tantas modalidades de apropriação de dinheiro público.

A solução não é simples, pois as “famílias” que se beneficiam dessa “democracia” e detém o poder, não permitirão que as regras do jogo sejam alteradas. Muito pelo contrário, utilizarão à plenitude da capacidade da máquina para que possam se perpetuar no poder. O exemplo mais nefasto desse jogo sujo é a adoção de livros para o ensino fundamental, permeados de inverdades históricas e de propaganda política. Outro exemplo é o apoio mútuo e o corporativismo que impedem uma depuração do sistema.

O povo deseja um país do qual possa se orgulhar, recebendo em troca de impostos, saúde, segurança, educação e serviços dignos. O povo repudia violência, caos aéreo, morte nas ruas e no trânsito, tiroteios e tudo enfim que é a rotina banal do brasileiro.

Alterar o curso dessa história demanda uma verdadeira revolução que deponha essas “famílias” do poder e permita que se instale uma democracia real.

Como uma revolução armada não está no sangue do brasileiro, restam às formas mais brandas que requerem engajamento de grupos maiores e que conduzem à verdadeira democracia.

São peças fundamentais dessa revolução os atuais políticos honestos, que são uma minoria, e a classe mais esclarecida que até então, pelas razões já mencionadas, tem tido um comportamento apático.

O país precisa de uma cepa nova de políticos.

A continuidade dessa acomodação levará o país à ruína. Ainda que sejamos capazes de amealhar patrimônio, não é possível viver em redomas. Não existe a

hipótese de criar um Brasil dos esclarecidos que não sofrerão com as mazelas do país e um Brasil dos pobretões, que preocupados com a sobrevivência de hoje não podem pensar no amanhã. Somos uma única nação com um único destino. Todos com capacidade de engajamento têm o dever de formar a oposição que nunca existiu e de forma mais aguerrida, exigir e fiscalizar ou até entrar paro o processo político de forma mais ativa.

Se não agirmos com mais responsabilidade cívica hoje, talvez estejamos negando um futuro digno a nossos filhos.

Em 01/10/07

**Comentários, críticas e sugestões:** [ofca@ofca.com.br](mailto:ofca@ofca.com.br)  
[O Futuro Começa Agora](#)